



DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA.

I

A PINTURA nunca floreceu muito em Portugal. N'uma ou n'outra epocha mais mimosa levantaram-se protectores intelligentes, e estenderam a mão a algum talento que os entendeu — mas era esplendor momentaneo — depois recahia-se de novo na triste e inveterada mediocridade, de que sempre adoeceu entre nós a bella arte de Raphael.

O manuscrito de Francisco de Hollanda, na sua prosa chã mas sentida, nas amarguradas reflexões que solta, como gemidos de peito cansado de se comprimir, accusa d'isto a culpada indiferença de reis que não estimam a arte ou a não conhecem — de nobres que só fingem preza-la por vaidade — de ricos, imaginando pagar com avarento salario o que a polida Italia recompensaria com honras e largos thesouros. N'uma terra assim, n'um estado d'estes não ha, não podem nascer nem Ticianos, nem Paulos Rubens.

E' que para vencer a dôr da indiferença, para desprezar o esquecimento e virar as costas á ignorante protecção que estraga em vez de estimular, o artista ha de consumir mais da metade das forças que necessita conservar inteiras para se formar — padecer silencioso as maguas da miseria e as incertezas da obs-

curidade; sentir-se maior do que mil que o pizam e escarnecem — e apesar d'isso ter constancia para não desfallecer, para bradar: — « Mais um, mais tres annos de provança, porque no fim d'elles está o meu dia e a minha vingança! »

Para o dizer e para o cumprir, Deus lhe ha de conceder desde o berço a vocação, mãe do genio, com a fortaleza de vontade que, por cima dos espinhos da carreira solitaria, caminha sem desalento; que nos lances da extrema fadiga, como Christo, cae debaixo da cruz, ergue-se ensanguentado, e não treme do sacrificio, e não duvida uma hora de si e do futuro.

Quantos morreram já d'esta lucta horrivel, amaldiçoando na agonia a esperanza que os enganou, o talento que os fez infelizes, e a arte de que foram obscuros martyres no meio do mundo, que nem sequer se voltou para ver apagar n'aquelle frio coração o ultimo raio de luz, que n'outro céu melhor seria um astro!

Francisco de Hollanda chorou sobre o sepulchro, onde a indiferença enterrava a pintura, pouco tempo antes de se ouvir na terra o grito com que a grande alma de Camões se despedia da patria, que lhe pagava em afflicções a sua gloria. Singular destino! — que uniu a queixa ao exemplo — e quando uma arte morre faz expirar com ella o primeiro e o ultimo sacerdote da poesia, sua irmã! Mas foram vin-

VOL. I. — JANEIRO 16, 1847.

gadas ambas; — os plainos d'Alcacer, tambem no sepulchrovasio do moço rei cavalleiro, sepultaram a nação, a corôa e as glorias do reino de D. Manuel. — Fizeram um deserto, quebraram todos os brios da nacionalidade, e por fim consummaram a sua obra pela usurpação estrangeira — os traidores!

E assim succedeu sempre á pintura e á poesia — uma definhou, a outra foi-se enfezando. Hospedas, ignoradas e pobres, nenhum dos poderosos da terra lhes fez bem senão por capricho, ou por acaso, até D. João V.

Aquelle D. João V foi mais rei do que muitos a quem elogios comprados incensaram, mas não nobilitaram. Dizem d'elle que gostava de compôr as acções e o character á Luiz XIV; — a verdade é que as suas aventuras freiraticas — os seus amores romanescos, e os disfarces e surpresas das suas viagens nocturnas — com que divertia a sombria magestade da etiqueta das audiencias — o tornaram estimado e popular — e tambem é verdade que todos elles acabavam sempre « pelo rei saber ser rei. »

A respeito das artes soube menos mal.

E não soube só para as engomadas academias, que, apesar de terem sido muito apupadas, deixaram trabalhos como hoje não escrevem os seus criticos. — Era rico, era munificente, e tinha verdadeira paixão pelas bellas artes. O « Salomão portuguez » como os seus poetas lhe chamavam, fundou em Roma uma academia de pintura, e mandou instruir lá os mancebos em quem se divisavam indicios de sincera vocação.

D. João V, sem viver n'este seculo de « oradores por vapor » tinha juizo claro, e gosto. Aprendera d'intuição, ou d'exemplo? Pouco importa; que para ter artistas é necessario, antes de lhes fazer visitas regias e de os condecorar, dar-lhes recursos e educação — cria-los ao pé dos modelos immortaes. Oh! se nós hoje voltassemos áquella cegueira anti-progressiva!

Sua neta a Sr.^a D. Maria I tambem quiz ter pintores, e fundou para isso em 1781 a « aula regia de desenho e figura » — e á custa do « real bolsinho » enviou á sua academia de Roma, a completar os estudos e aperfeiçoar o gosto, os alumnos mais distinctos d'ella.

Ora, se não houvesse D. João V e a sua academia de Roma; se não houvesse a Sr.^a D. Maria I com a sua aula de pintura; e se faltasse o « real bolsinho » com as suas peças de 7500 réis, Portugal teria tudo, menos Domingos Antonio de Sequeira. E d'ahi talvez haja quem diga: — « Pois não era mais util empregar o dinheiro, que ajudou a crear um grande artista, em repuxos municipaes? » O artista morre e o repuxo fica; pôde empedrar o bordo de algum poço artesiano depois de velho. E por que não? E' uma logica como qualquer outra.

Domingos Antonio de Sequeira, que nasceu em 1768, desde a infancia tinha manifestado decidida inclinação para o desenho; e nos cinco annos que frequentou a aula de pintura os premios e os successos, realçando-o, mostraram bem que Portugal n'elle ia encontrar o talento mais distincto em um ramo, no qual tão poucos brilharam. Apenas acabou o curso foi empregado em estudar com o engenhoso e extravagante Francisco de Setubal. Varios pannos, usados n'esse tempo para forrar as paredes dos palacios, saíram do pincel de Sequeira, e desde logo fizeram presentir qual seria o seu estylo em trabalhos mais elevados. No anno de 1788, protectores illustrados alcançaram-lhe da rainha uma pensão do « bolsinho real »; ajudado d'ella é que Sequeira pôde emprehender a viagem de Roma e matricular-se na academia alli crea-

da, sendo dirigido em composição e desenho por Piccola, em pintura por Cavalluci; porém o seu verdadeiro e grande mestre foi a rica e admiravel collecção de primores d'arte, da cidade de Leão X — esse thesouro que ainda hoje a consola do perdido imperio e da eclipsada gloria militar.

Sequeira, como Bocage, tinha a ardente imaginação e a espontaneidade de criação artistica, que se traduzia em obras acabadas, ou em improvisos rapidos e fugitivos. Nas suas mãos o lapis servia de rival á pasmosa facilidade e á abundancia do traductor d'Ovidio e de Dellile. Um rolo de papel afumado á luz, ou simplesmente a penna bastavam ao pintor para caprichosamente entreter a sociedade mais escolhida nos longos serões d'inverno. D'estes esboços ainda se conservam muitos, e todos elles provam até que ponto, n'um trabalho descuidado e phantastico, sabia unir a graça á correção.

Em Roma as obras de Sequeira foram numerosas. Entre ellas louva-se pela idéa e desempenho a pintura do tecto da casa de jantar na velha quinta Cometti, representando o carro d'Apollo, rodeado de retabulos lateraes, em que se via toda a fabula de Narciso. Na Academia de S. Lucas tambem existem dois quadros seus — o do milagre dos cinco pães e dois peixes — e o da degolação de S. João Baptista. Foi a estes ultimos que deveu o primeiro premio da classe de pintura d'aquella academia, e o diplomá de seu professor e socio de merito. Depois de percorrer parte da Italia, examinando, comparando, e copiando as maravilhas de todos os seculos, regressou Sequeira á patria no anno de 1796. Ahi o esperavam os desgostos e os desenganos, que infelizmente nunca deixam d'acolher o merecimento superior n'esta terra. (Continúa).

A substancia d'esta noticia sobre Sequeira é tirada do artigo biographico publicado pelo Sr. Silva Leal em o segundo numero do jornal das Bellas Artes de Lisboa; e das reflexões disseminadas no livro do Sr. conde de Rackzynski, intitulado *As artes em Portugal*. Se mais alguma se podia adiantar, a falta de espaço nos não consentiu averigua-la.

MAHOMET OU MAFOMA.

(Continuado de pag. 117.)

Mas quando Mahomet viu que tinha um partido formidavel em Medina, não recebeu pôr-se a par dos patriarchas antigos e dos antigos prophetas; e até quiz fazer um milagre mais estupendo do que todos os que se attribuiam aos personagens a que elle chamava seus predecessores, e com este intento narrou a sua viagem nocturna ao setimo céu. Se Abrahão recebera frequentes visitas dos anjos, se Moysés passára quarenta dias sobre o monte Sinai em colloquios com o Senhor, se Jesus alcançára de Deus favores ainda mais assignalados, elle, Mafoma, apparecêra na presença do Eterno. Eis-aqui como narrou a sua prodigiosa ascensão.

« Estava deitado, diz elle, entre as collinas de Safa e Merva, quando Gabriel, chegando-se a mim, se deu pressa em acordar-me. Trazia Alborak, jumenta de pello cinzento prateado, que tem cabeça de mulher, cauda de pavão, e que anda tão veloz que abarca tanto terreno quanto a vista mais aguda pôde alcançar. Brilhavam-lhe os olhos como estrellas. Abriu as suas duas azas de aguia. Cheguei-me a ella. Poz-se a espinotear: « Está quieta, lhe disse Gabriel, e obedece a Mahomet. » A jumenta respondeu: « O

Propheta Mahomet não me calvagará sem que tu has alcançado d'elle que me dê entrada no paraizo no dia da resurreição.» Prometti-lh'o (1). Então deixou-se montar, e de repente nos achámos ás portas de Jerusalem. Á entrada do templo encontrei Abrahão, Moysés e Jesus; orei com elles, e acabada a oração, desceu subitamente do céu uma escada de luz, e corremos com a rapidez do relampago a imensa extensão dos ares.

« Quando chegámos ao primeiro paraizo, o anjo bateu á porta: « Quem está ahí? » perguntaram. « Gabriel. » « Quem é o teu companheiro? » « Mahomet. » « Recebeu a missão? » « Recebeu-a. » « Bem-vindo seja. » A estas palavras, a porta, maior que a terra, gyrou nos quicios, e entrámos. Este primeiro céu é de prata pura; da sua abobada magestosa estão pendentés as estrellas por grossas cadeias de ouro. A cadauma d'estas estrellas está um anjo desentinelado para evitar que os demonios assaltem o céu. Veiu abraçar-me um velho chamando-me o maior de seus filhos. Era Adão. Não tive tempo de lhe fallar: prendeu-me a attenção a turba de anjos de todas as fórmulas e côres. Do meio d'estes anjos se levanta um gallo d'uma alvura mais brilhante que a da neve, e de grandeza tão myrifica que roça com a cabeça no segundo céu, distante do primeiro quinhentos annos de caminho. Muito me confundira tudo isto se Gabriel me não dissera que estes anjos estão alli, sob as fórmulas de animaes, afim de intercederem para com Deus por todas as creaturas da mesma fórmula, que vivem na terra; que este grande gallo é o anjo dos gallos, e que a sua obrigação principal é recrear o Eterno todas as manhãs com seus cantos e hymnos.

« Deixámos o gallo e os anjos-animaes para subirmos ao segundo céu. E' composto d'uma especie de ferro duro e polido. Achei alli Noé, que me recebeu nos braços. Jesus e João se chegaram depois, e me chamaram o maior dos homens. Subimos então ao terceiro céu, mais distante do segundo do que este dista do primeiro. E' preciso, pelo menos, ser propheta para supportar o brilho deslumbrante d'este céu, inteiramente formado de pedras preciosas. Entre os entes immortaes que o habitam distingui um anjo de altura incomparavel; governava cem mil anjos, cada qual, de per si, mais forte que cem mil batalhões de guerreiros prestes a pelejar. Este grande anjo chama-se o confidente de Deus; tão prodigiosa é a sua estatura que do seu olho direito ao olho esquerdo vão setenta mil dias de caminho. Estava adiante d'este anjo um immenso bofete sobre o qual não parava de escrever. Gabriel me disse que o confidente de Deus era ao mesmo tempo o anjo da morte, empregado em escrever os nomes dos que hão de nascer, em calcular os dias dos vivos, e em riscalos do livro á medida que chegam ao termo marcado pelos seus calculos.

« Urgia o tempo; attingimos o quarto céu. Enoch, que alli se achava, ficou mui ledo de me ver. Este céu é de prata fina, transparente como vidro; povoam-n'o anjos d'elevada estatura; um d'elles, muito mais baixo que o anjo da morte, tem comtudo quinhentos dias de altura. O emprego d'este anjo é muito triste, porque tão sómente se occupa em chorar os

(1) Segundo alguns auctores musulmanos, a jumenta Alborak mora no paraizo, na companhia do cão dos sete Dormentes, lenda oriental, do carneiro que foi sacrificado por Abrahão, da burra de Balaam, do camello em que Mafoma fugiu de Meca para Medina, do burro em que Nosso Senhor entrou em Jerusalem, do cavallo de S. Jorge e do burro do propheta Esdras. Esta « casa de bichos » occupa um logar distincto no céu de Mafoma.

peccados dos homens, e predizer os males que elles a si se preparam. Por estas lamentações não me agradarem não estive para as ouvir por muito tempo. Transportámo-nos logo ao quinto céu. Aarão veiu receber-nos e appresentar-me a Moysés, que se recomendou ás minhas orações. O quinto céu é de ouro puro; os anjos que o habitam não riem muito, e com razão, porque são os depositarios das vinganças divinas e dos fogos devoradores da colera celeste. Também teem a seu cargo vigiar os supplicios dos peccadores endurecidos, e preparar tormentos horriveis para os arabes que recusarem adorar um só Deus. Este espectáculo doloroso me fez apressar a jornada, e eu subi ao sexto céu com o meu guia. Alli encontrei outra vez Moysés, que se poz a chorar, porque, dizia elle, que eu havia de conduzir ao paraizo mais arabes do que judeus elle tinha conduzido.

« Em quanto estava a consolar Moysés, senti-me arrebatado não sei como, e cheguei n'um vôo mais rapido que o pensamento ao setimo e ultimo céu. Não posso dar uma idéa da riqueza d'este formoso paraizo; contentem-se com saber que é formado de luz divina. O primeiro dos seus habitantes que me deu na vista excede a terra em extensão; tem setenta mil cabeças, cada cabeça tem setenta mil boccas, cada bocca setenta mil linguas, que fallam de continuo e todas ao mesmo tempo, setenta mil idiomas diferentes em que celebram os louvores de Deus. Depois de ter considerado este ente celeste, fui arrebatado de subito por um sopro divino, e achei-me sentado ao pé do limoeiro immortal, arvore magestosa plantada á direita do throno invisivel de Deus, d'este throno ante o qual ardem sem cessar quatorze cirios que teem de altura setenta annos de caminho; os ramos do limoeiro, mais extensos do que a distancia que vai do sol á terra, dão sombra a uma multidão de anjos muito mais numerosos que os grãos de areia de todos os desertos, de todos os mares, de todos os rios e de todos os ribeiros. Sobre os ramos do limoeiro pousam aves immortaes, empregadas em considerar as passagens sublimes do Koran. As folhas d'esta arvore assemelham-se a orelhas de elephante; os seus fructos são mais doces que o leite; um só d'elles bastará para sustentar um dia todas as creaturas de todos os mundos. Cada semente encerra uma das houris, virgens divinas reservadas para os prazeres eternos dos musulmanos. Ha quatro especies de houris: umas são brancas, outras cor de rosa, outras amarellas, e outras verdes; são os seus olhos tão lindos, que se uma houris volvesse os olhos á terra em a noite mais tenebrosa, dar-lhe-hia tanta luz como o sol em todo o seu esplendor; entregar-se-hão ás caricias dos fieis sem deixarem de ser virgens. Quatro rios saem do pé do limoeiro, dois para o paraizo, e dois para a terra; os dois ultimos são o *Nilo* e o *Euphrates*, de que ninguém antes de mim conhecera a nascente.

« Gabriel deixou-me aqui, porque lhe não era permittido passar adiante. Raphael ficou em seu logar, e levou-me á casa divina da oração, onde se junctam cada dia, em romaria, setenta mil anjos da primeira classe; os que lá vão uma vez não tornam a ir. Esta casa, formada de jacinthos e cercada de lampadas que ardem eternamente, assemelha-se ao templo de Meca; e se caisse perpendicularmente do setimo céu sobre a terra, como poderá succeder algum dia, pousaria sobre a Caaba. E' cousa estranha, mas certa.

« Apenas puz o pé na casa da adoração um anjo me appresentou tres taças; a primeira estava cheia de vinho, a segunda de leite, e a terceira de mel. Escolhi aquella em que estava o leite. Logo, uma voz forte como dez trovões fez rebombar estas palavras: « Oh

Mahomet! bem fizeste em pegar na taça em que está o leite: se houvesse bebido o vinho, ficava a tua nação pervertida e desgraçada.» Mas um novo espectáculo me veio turbar a vista. Fez-me o anjo atravessar, tão depressa quanto a imaginação pôde conceber, dois mares de luz, e um terceiro negro como a noite: achei-me então na presença de Deus. Apoderava-se o terror de todos os meus sentidos, quando uma voz mais estrondosa que a das vagas agitadas, me bradou: «Prosegue, oh Mahomet! chega-te ao throno glorioso!» Obedeci, e li estas palavras n'um dos lados do throno: Não ha outro Deus senão Deus, e Mahomet é o seu propheta.» Ao mesmo tempo poz Deus a mão direita no meu peito e a mão esquerda no meu hombro; senti um frio agudo correr-me por todo o corpo e gelar-me até a medula dos ossos. A este estado de padecimento seguiram-se dentro em pouco doçuras inexprimíveis e desconhecidas dos filhos dos homens, doçuras que me embriagaram a alma. Apoz estes transportes tive com Deus uma conversação familiar que durou muito tempo. Diction-me Deus os preceitos que achareis no Koran, e depois ordenou-me que vos exhortasse a sustentar com as armas e o sangue a sancta religião.

«Quando o Eterno acabou de fallar fui ter com Gabriel. Abriu os seus cento e quarenta pares de azas, e descemos os sete céus, onde muitas vezes nos demoraram os concertos dos espiritos celestes, que cantavam os nossos louvores. Mas Deus me tinha determinado que fizesse orar cincoenta vezes por dia. Quando cheguei ao céu de Moysés communiquei-lhe a ordem que recebera. «Torna ao Senhor, disse-me o conductor dos hebreus; pede-lhe que mitigue o preceito: o teu povo nunca poderá cumpri-lo.» Subi até o Altissimo e pedi-lhe que diminuise o numero das rezas. Ficou reduzido a quarenta. O sabio Moysés me rogou fizesse novas instancias, e, depois de reiteradas viagens, ficou determinado que as orações fossem cinco. Cheguei a Jerusalem, e a escada de luz tornou a descer da abobada celeste. Alborak me esperava. Ainda era noite. Levou-me até onde me tomara, agitando sómente duas vezes as suas grandes azas. Então disse eu a Gabriel: «Muito temo que o meu povo não queira acreditar a narração d'esta viagem.» Tranquillisa-te, me respondeu o anjo, ofiel Abou-Bekr e o valente e sancto Ali sustentarão a verdade d'estes prodigios.»

(Continúa.)

O EREMITERIO DO VESUVIO.

O VESUVIO está situado entre o mar e os Apenninos, a duas e meia leguas de Napoles pouco mais ou menos, e separado d'esta cidade pela curvatura do golpho de que dista obra de uma legua na costa oriental, ficando sobranceiro á Torre del Greco, e a Portici: n'esta ultima tem a côrte napolitana um bello palacio para residencia no verão. Esta montanha volcanica, de fórma pyramidal, tem agora umas 600 toezas de elevação acima do nivel do mar; são tantas as variações por que tem passado na sua altura e na fórma da cratera, que é difficil dar uma exacta idéa d'ella; o viajante conta o que viu, mas não pôde prognosticar o que verão os que depois d'elle vierem; d'aqui as encontradas relações que se lêem, posto que muitas escriptas no mesmo seculo. Amiudadas tem sido as suas erupções; ao catalogo e circumstancias d'ellas, e á sua posição na Europa, deve este volcão unicamente a sua celebridade.

O Vesuvio está apartado da grande cordilheira dos Apenninos, e é mister distingui-lo do monte da Som-

ma, com que muitos o confundem, dando-lhe este nome, e do monte Ottaiano, ambos os quaes se levantam a seus lados sobre raizes ou bases communs, sendo muito de crêr que tambem elles foram em tempo remoto volcões. Olhando-se do largo do paço ou do molhe de Napoles, dir-se-ha que o Somma está contiguo ao Vesuvio e com elle fórma uma só montanha de cume bicípite; por detraz de ambos esconde-se á vista o pico de Ottaiano.

A bacia que se dilata nas faldas do Vesuvio apresenta o mais amplo e magnifico painel: — um circulo de apraziveis collinas ordenadas em amphitheatro, rebaixando-se insensivelmente para o lado do mar; e no seu declive uma cidade afagada sempre pelos raios os mais brandos, mais transparentes e puros do formoso sol d'Italia; pouco mais alto, á direita, avultando nos ares, o castello Santelmo, assente por cima da cidade para a defender ou, o que mais parece, para aformosea-la, surge do meio da verdura que em todas as estações cinge a eminencia; — mais em baixo, o golpho onde se reflecte *la villa reale*; e o palacio da rainha Joanna, de mysteriosos subterraneos, em cujos destroços se engolpham e murgem as ondas. Por outra parte avista-se o supposto túmulo de Virgilio, e a gruta ou perforação de Pausilippo (1), beneficio que a tradição popular remotissima attribue á arte magica do insigne poeta, convertido em feiticeiro; porque o povo entusiasta descobrira n'aquelle grande genio um não sei que extraordinario e sobrehumano. Os sitios deliciosos que os seus versos vulgarisaram, avistam-se mais ao longe, Cumas, os Campos Elysios, o antro da Sibylla — A' esquerda o Sebeto, e Herculanium, sepultada debaixo do chão, Portici, Stabbia arruinada, Pompeia em parte restituída á claridade do dia (2): — na extremidade do cabo o convento dos Camaldulenses, e no horisonte Sorrento, illustrada por um grande poeta desditoso (3). — Aquella cidade que primeiro enumerámos é Napoles, cujas cercanias se denominam terra afortunada, *Campagna Felice*; e essa paizagem immensa é asoberbada pelo mais picturesco dos montes, o Vesuvio, cujas harmonias e linhas esquivas não se acham dignamente representadas pelo pincel, porque uma natureza tão ideal e tão magica não pode pintar-se.

Perguntam os habitantes do restante da Europa de que procede o socego do napolitano, ameaçado de continuo pelo Vesuvio; este enigma decifra-o quem pisa o bello territorio de Napoles, quem tem respirado o ar puro d'aquelle suave atmosphaera. Debalde cidades inteiras, ainda no seculo passado como na antiguidade, foram sepultadas pelos incendios do volcão; as suas terriveis devastações debalde adquiriram na historia fatal celebridade: tranquillizado pelo habito, ou seduzido por vistas encantadoras, o napolitano dorme socegradamente ao pé da voragem; edifica os *casinos* e deliciosas casas de recreio no espaço comprehendido entre a falda e o vertice da

(1) A estrada que communica Napoles com Pouzzolo passa atravez do pequeno monte Pausilippo, cuja perforação já existia em tempo de Nero. Ignora-se por que mãos foi excavada.

(2) Herculanium, descoberta em 1713, nunca poderá desentulhar-se á superficie do solo por causa da necessidade de poupar os edificios de Portici, debaixo dos quaes está situada: quando, muitas vezes, se acabam as excavações n'um logar, é preciso entupi-lo com terra que se extrahede alguma valla proxima. Quanto a Pompeia, como jaz debaixo de vinhas, alguns dos seus principaes edificios e ruas estão já de todo desentulhadas.

(3) O auctor da Gerusalemme liberata.

montanha ignivoma, palacios talvez ephemerros, que insultam com suas grimpas esbeltas as torrentes de lava que os circundam, e cujo inevitavel destino é desapparecerem ou cedo ou tarde nas ondas d'aquella inundação temerosa.

Contaremos brevemente a ascensão de um viajante veridico, não ha muitos annos. —

No principio de janeiro de 1830 partimos de Napoles ás sete horas e meia da manhã para ir visitar o Vesuvio, volcão que os napolitanos no seu estylo poetico chamam *la montagna*, como antonomasia; posto que pelo vulto lhe não caiba, mas sim pelos effeitos. Fomos em caleças (1) a Résina, alloula á hecitarar pegada com Herculanium, a mais perto do Vesuvio, que já a tem alagado quatro vezes. Apenas apeados no pequeno largo onde se acham os *ciceroni*, e os jumentos que transportam os viajantes, vimos-nos cercados da turba. Era a quem nos apanharia, a quem mais alto gritaria para nos offerecerem seu prestimo ou as cavalgadas. Dir-se-hia que era uma sedição. Impacientados mandámos ao demo homens e burros; e como o ultimo dos Horacios fugimos para dispersar os nossos inimigos. Partimos sózinhos: a alguma distancia de Résina é que adoptámos um guia que teimou em nos seguir. A's nove horas começámos a subida. Ainda bem não tinhamos passado as ultimas casas de Résina, já pisavamos as lavas que com a côr denegrida entristecem a vista. Precursoras das fadigas que nos aguardam, as pedras volcanicas, as escorias nos rasgam os pés. Começa a natureza morta, o elemento de destruição, que de subito transforma um paiz fecundo e ameno na soli-

dão da morte. Tudo mostra um não sei que espantoso e sinistro. Todavia a vista descança de tempo a tempo n'algumas porções de terreno que ainda não foram invadidas, ou que, tornadas á agricultura pela successão das eras, se recamam de arvores e vinhas, e parecem os oasis d'aquelle deserto. Aqui é que se dá o tão afamado vinho *lacryma Christi*. A cinza do volcão fortalece a cepa, e indemnisa assim de algum modo dos damnos que por vezes causa. — Além de que (quem o acreditará?) nenhuma região do globo possui no mesmo espaço de territorio tanta população como a que cerca o Vesuvio: é rodeado de vivendas e quintas, propriedade de homens que se deslembra do perigo, procurando tirar proveito da fertilidade do torrão, e que, terminada a erupção, tornam a levantar a casa no mesmo sitio, d'onde a experiencia funesta, mas inutil, os deveria ensinar a fugir.

Proseguimos. . . em breve tudo se vê coberto de lavas; distinguem-se as das diversas erupções pela differença de côr. O nosso guia indica-nos a de 1822 que occupa immensa superficie. O caminho dirige-se quasi em linha recta para o lado do cone da montanha que olha ao norte, até chegar ao *piano delle giestre*. Esta chan, outr'ora coberta de arbustos de perenne viço, de moitas e de giestas, não é agora senão um terreiro escaldado, onde não se vê mais que as superficies espumosas de vastas torrentes de lava que se cruzaram umas com as outras.

As onze horas menos um quarto chegámos ao eremiterio de S. Salvador, sito n'um pequeno plaino na extremidade occidental do *colmo dei canteroni*.



Até agora a sua elevada situação o tem preservado das lavas, que sempre se tem dividido ao pé do rochedo volcanico sobre que descança. O eremiterio,

que data de 1631, contém uma capella e alguns quartos. — Habita alli um ermitão (diz M.^{me} de Stael) nos confins da vida e da morte. Diante da sua por-

(1) Do mesmo modo que as gondolas figuram entre as curiosidades de Veneza, o *calessino* pôde contar-se uma das singularidades de Napoles. Se não vistes (diz outro viajante) o bonito desenho de Carlos Vernet, imaginai uma especie de tilbury em fórma de concha, de apparencia tão leve e fragil que parece devia estourar em migalhas ao primeiro embate. Esta canôa rodante é toda embenecada de dourados que lhe prestam certa elegancia; o galiziano que a puxa leva arreios todos cravados de pregos amarells e na

cabeça um pennacho de plumas; ao vêr o collo estitico do cavallinho tão bem jungido á caleça, commumente sustentado com a mais estricta parcimonia, julgareis que o seu delicado trem ainda para elle é sobejamente pezado. Parte, e em seu ardor devora o espaço: custa a vista a segui-lo pelas largas lagens de lavas de que Napoles é calçada. O conductor, trepado atraz da fragil machina, com uma das mãos segura as redeas por cima da cabeça dos que conduz e com a outra agita um comprido açoute. A caixa do *calessino* apenas contém duas pessoas.

ta estão algumas árvores, ultima despedida á vegetação. Estes eremitas não são sempre religiosos; haverá quarenta annos, um d'elles, que morreu n'uma idade mui avançada, era um antigo criado da camera de M.me de Pompadour. Que contraste! Depois de haver servido as collações de Luiz 15.^o, preparar a refeição frugal do viajante. Que combinação! Trianon na falda do Vesuvio!

Conserva-se no eremiterio um livro onde cadaum viajante inscreve o seu nome e algumas vezes um pensamento e uma maxima. Causa singular! raras vezes o Vesuvio tem inspirado alguma idéa digna d'elle. Ao redor do eremiterio ha capellinhas onde vem gente em peregrinação fazer as estações da Via-Sacra. Que logar mais proprio para inspirar os sentimentos que o homem deve ter em relação a Deus? O Vesuvio é o temor; Napoles a gratidão!

(Continua.)

EXPEDIÇÕES DE TRES POTENCIAS AO POLO AUSTRAL.

Os ANOS de 1838, 1839, e 1840 farão epocha nos fastos maritimos; assignalaram-n'os tres expedições scientificas, saídas dos portos de França, d'Inglaterra e dos Estados-Unidos. — As tres expedições, levadas de nobre emulação, acham-se nas mesmas paragens na estação do anno que permite accesso ás altas latitudes austraes: teem por objecto os progressos da sciencia, a determinação do polo magnetico austral, o estado geologico e geographico do polo antartico, e verosimilmente todas tres o desejo ambicioso de tocar n'algum ponto do globo em que os homens não tivessem ainda posto a vista, onde nenhum baixel houvesse despregado as velas.

A simultaneidade d'estas expedições, pertencentes ás tres maiores potencias maritimas, é uma circumstancia que provavelmente não tornará a dar-se; e se reflectirmos que não podiam effectuar as suas operações senão debaixo de uma temperatura que variava de zero a 20 graus de frio, e incessantemente entregues á influencia de todos os agentes destruidores, a chuva, a saraiva, a neve, as tormentas, as trovoadas, as serras de gelo fluctuantes, os terremotos, os volcões, não poderemos deixar de admirar a resolução dos intrepididos navegantes chamados á honra de as commandar; e esses commandantes eram Dumont d'Urville pela França, Ross pela Inglaterra, Wilkes pelos Estados-Unidos.

As tres empresas tiveram resultados diferentes; todavia nenhuma foi sem fructo, e seria temeridade e injustiça avaliar o merecimento dos commandantes pelos resultados que se obtiveram. A mais ousada das expedições podia ser vencida e excedida por outra rival; em tal caso, e em paragens taes, depende tudo das circumstancias; dois navios, navegando de conserva, podem no mesmo instante experimentar diversa fortuna, ainda que estejam separados distancia de poucos centos de braças; um passará livremente por entre duas montanhas de gelos fluctuantes, outro será arrebatadamente estorvado, envolvido e exposto aos mais extremos perigos. — Se a expedição ingleza penetrou até o 78.^o paralelo do polo austral, deve-o unicamente ao acaso d'uma boa fortuna, e esta vantagem nada deve influir na opinião que se formar do merito dos commandantes e officiaes das outras. Daremos um extracto dos trabalhos de cada uma d'ellas. Começaremos pela que appresenta menores resultados, posto que se dessem pela sua parte muito mais probabilidades do que pela das suas rivaes. Com effeito a expedição americana compunha-se de cinco

navios, e cadauma das outras só contava dois. N'este resumo das operações de cadauma passaremos em silencio tudo o que não tiver directa relação com a exploração do polo austral.

Expedição dos Estados-Unidos.

O capitão Wilkes tinha ás suas ordens uma divisão de cinco navios e montava a fragata *Vincennes*. Saindo do porto em 1838, tocou na Madeira, d'onde largou a 28 de setembro, e seguiu para a Terra do Fogo, que deixou para tomar o rumo do polo antartico. Não foi bem favorecido na viagem; violentas tempestades dispersaram a sua esquadilha, a qual chegou comtudo á latitude austral de 70°. Porém, embaraçado sempre por montes de gelo impenetraveis, e estando já muito adiantada a estação, viu-se constrangido a abandonar paragens perigosas; poz a prôa ao norte e veiu deitar ferro a Valparaizo aos 15 de maio de 1839. Largou depois esta arribada para ir á Nova-Hollanda, ao porto de Sidney.

No seguinte anno, a 10 de janeiro de 1840, o capitão Wilkes parte novamente de Sidney para nova exploração do polo austral pelos 61° de latitude, ultrapassa as primeiras montanhas de gelo, mas em breve a sua derrota é suspendida por uma barreira insuperavel da mesma especie, que obriga a *Vincennes* a tomar para oeste; a 19 de janeiro o ponto do capitão Wilkes era 66° 20' de latitude e 154° 27' de longitude ao oriente do meridiano de Paris; e é d'este ponto que o capitão Wilkes teve conhecimento da terra *Adelia*. — E' de muita importancia notar que, n'esse mesmo dia 19 de janeiro, a expedição franceza achava-se a 65° 39' 35" de latitude e 139° 5' 25" de longitude oriental, isto é, quasi um grau mais ao norte que a *Vincennes*, e 15° 21' 35" mais para oeste.

Ora, se na verdade o capitão Wilkes houve vista de uma terra, não é a terra *Adelia*, a menos que esta se não prolongue 15 a 20 graus na direcção oriental, como acontece na parte occidental, segundo o verificou o capitão Dumont d'Urville. Porém sigamos a derrota da *Vincennes*.

A 30 de janeiro acha-se n'uma bahia empachada de accumulações de gelo e de rochas volcanicas, a costa da qual parecia alargar-se para o sul; o terreno era montanhoso; a sondareza dava 34 braças de fundo. — Depois de longos e baldados esforços para surgir, o capitão é novamente forçado a prolongar-se com a costa, o que fez até os 97° de longitude; n'este ponto, achando-se por 64° de latitude, costeia de novo a terra por espaço de 57° do oriente ao occidente, quasi sobre o mesmo paralelo; mas não poudo aborda-la, e não offerecendo o adiantamento da estação probabilidade alguma de exito á empresa, o capitão tomou a resolução de picar para o norte, dando á terra, que julgou haver descoberto, o nome de continente antartico.

Agora estamos em circumstancias de apreciar muitos factos importantes, relativos á prioridade do descobrimento da terra *Adelia*. — Mr. le Guillou, que embarcou com Dumont d'Urville, como cirurgião mór da *Zelée*, tractando d'esta materia na obra que deu á luz, adianta factos que carecem de precisão, de concordancia, e sobre tudo de justiça. — A pag. 188 diz positivamente — « a expedição franceza teve vista da terra a 18 de janeiro, mas não poudo toma-la senão a 21: » — A pag. 206 diz — « a expedição americana teve indicios da terra a 19 de janeiro, e para o diante estes indicios se converteram em certeza. » — Por esta simples exposição das datas é evidente que o capitão Wilkes não teve conhecimento da terra

senão a 19, quando o capitão d'Urville a tinha avisado a 18. Como pôde, por tanto, o auctor, a pag. 209, conceder tão liberalmente a prioridade do descobrimento á expedição americana? Ha contradicção evidente, e bastava tão sómente o patriotismo para Mr. le Guillou a evitar. *Suum cuique*. Demais, na discussão d'esta causa, existe uma circumstancia pouco favoravel ao capitão Wilkes: annunciou officialmente que na manhã de 19 de janeiro tivera conhecimento da terra: então para que poem os jornaes em duvida a veracidade do capitão, e os seus proprios companheiros de viagem asseguram que em 19 de janeiro ninguem a bordo da *Vincennes* avistára terra! E esta circumstancia, per si só, não poderia decidir a questão de prioridade! . . .

(Continúa.)

OS TEMPLARIOS.

(Continuado de pag. 151.)

É NECESSARIO confessar que este processo não era d'aquelles que se podem julgar: abrangia a Europa toda; os depoimentos eram aos milhares, os documentos innumeraveis: os processos tinham differido nos diversos estados. A unica cousa havida por certa era que a ordem se tornára inutil para o futuro, e demais a mais perigosa. O papa, por mui pouco honrosos que fossem os seus particulares motivos, obrou sensatamente. Declara na sua bulla explicativa que as informações não são bastante seguras, que não tem o direito de julgar, mas que a ordem era muito suspeita: *ordinem valdè suspectum*.

Clemente V forcejou por acobertar a honra da igreja. Falsificou secretamente os registos de Bonifacio, mas não revogou perante o concilio senão uma das bullas d'este (*Clericis laicos*), a que não offendia a doutrina, mas que impedia o rei de tomar o dinheiro do clero. Por esta fórma aquellas grandes contendas de idéas e principios se fundiram outra vez na questão de dinheiro. Os bens do Templo deviam ser applicados á redempção da Terra Sancta e dados aos hospitalarios. Até houve quem accusasse esta ordem de ter comprado a abolição da ordem do Templo: se tal fez achou-se bem enganada: um historiador afirma que ao contrario se empobreceu. João XXII se queixava, em 1316, de que o rei se pagava de guardar os templarios, apossando-se até da fazenda dos hospitalarios. Em 1317 deram-se por felizes de passar quitação final aos administradores reaes da ordem do Templo.

Restava uma triste parte da herança do Templo, a mais embaraçosa: fallo dos prezos que o rei conservava em Paris, particularmente o grão mestre. Occupamos sobre este acontecimento tragico a narração do historiador anonymo, continuador de Guilherme de Nangis.

« O grão mestre da extincta ordem do Templo e outros tres templarios, o visitador de França, os mestres da Normandia e da Aquitania, cuja sentença definitiva o papa reservára para si, compareceram perante o arcebispo de Sens e uma assembléa de outros prelados e doutores em direito divino e canonico, convocada especialmente para este fim em Paris, por ordem do papa, pelo bispo de Albano e outros dois cardeaes legados. Como os quatro sobredictos confessavam os crimes que lhes eram imputados publicamente e solemnemente, e perseveravam n'esta confissão, e parecia quererem persistir n'ella até o fim; depois de madura deliberação do conselho, no largo

do adro de Nôtre-Dame, na segunda feira depois do dia de S. Gregorio, foram condemnados a serem prezos por toda a vida emparedados. Porém, quando os cardeaes julgavam ter levado a cabo todo o negocio, eis que de subito, sem que tal se podesse esperar, dois dos condemnados, o mestre d'ultramar e o mestre da Normandia, defendendo-se pertinazmente contra o cardeal que acabava de fallar e contra o arcebispo de Sens, voltaram-e abjurando a sua confissão e todos os seus depoimentos anteriores, sem guardar comedimento, com grande espanto de todos. Os cardeaes os entregaram ao prevoste de Paris, que se achava presente, para os guardar, até que deliberrassem com mais amplitude no seguinte dia. Mas logo que esta novidade chegou aos ouvidos do rei, que estava então no seu paço real, tendo practicado com os seus *sem chamar os letrados por opinião prudente*, na tarde d'esse mesmo dia os mandou queimar ambos na mesma fogueira, n'um ilhéu do Sena entre o jardim real e a igreja dos eremitas de S. Agostinho. Mostraram soffrer o fogo com tal firmeza e resignação, que a constancia na morte e as suas denegações finaes encheram a multidão de pasmo e espanto. Os outros dois foram encerrados, como declarava a sentença.

Esta execução, sem conhecimento dos juizes, foi evidentemente um assassinio: o rei que em 1310 pelo menos fizera reunir um concilio para levar á morte os cincoenta e quatro templarios, n'aquella desprezou toda a apparencia de direito, e só empregou a força. Para isto nem sequer tinha a desculpa do perigo, a razão d'estado, a da *salus populi*, que fazia insculpir em suas moedas. Ao contrario, considerou a negação do grão mestre como um ultraje pessoal, insulto á realza, tão involvida n'este negocio. Fulminou-o como réu de lesa magestade.

Como explicaremos agora as variações do grão mestre e a sua negação final? Não parece que por lealdade de cavalleiro, por capricho militar, cobriria a todo o custo a honra da ordem? . . . Que a *soberba* do Templo reverdeceria nos seus ultimos momentos? . . . Que o cavalleiro ancião, abandonado na brecha como o derradeiro defensor, quereria, com risco de sua alma, tornar impossivel para sempre o juizo dos vindouros sobre esta escura questão? . . . Póde dizer-se tambem que os crimes imputados á ordem eram privativos de tal provincia do Templo, de tal casa, e que a ordem era innocente; que Jacques Molay, depois de ter confessado como homem e por humildade, poderia negar como grão mestre. — Porém ha mais que dizer no caso. O principal capitulo da accusação, o acto de renegar, baseava-se n'um equivo-co. Elles podiam confessar que tinham abjurado sem na realidade serem apostatas. Esta abjuração (1) (e

(1) Esta abjuração, ou negação, faz reflectir na palavra mais serio do que parece: offerecei a Deus a vossa incredulidade. — Veja-se no 2.º vol. da mesma Historia de França pelo sr. Michelet (de cuja obra é tirado, como dissemos, todo este artigo), a pag. 63, 99, 634, da primeira edição, o que alli se diz a respeito das ceremonias brutescas da festa dos idiotas, *fatuorum*. — « O povo levantava a voz: entrava, innumeravel, tumultuario, por todos os aditos da cathedral, com a sua magna voz confusa, gigante infante, como o S. Christovão da lenda, rude, ignorante, animado, mas docil, implorando a iniciação, pedindo tomar o Christo sobre seus hombros colossaes. Entrava, trazendo para a igreja o medonho dragão do peccado; arrastava-o farto de victualhas, aos pés do Salvador para o golpe da oração que devia immolalo. Algumas vezes tambem, reconhecendo que em si proprio existia a bruteza, expunha em extravagancias symbolicas a sua miseria, a sua enfermidade. A isto é que se chamava a

muitos o declararam) era symbolica: era uma imitação da negativa de S. Pedro, um d'esses piedosos dramas com que na igreja antiga cercavam os actos mais serios da religião, e cuja tradição começava a perder-se no XIV seculo. Ser esta cerimonia algumas vezes cumprida com leveza culpavel, ou mesmo com impia derisão, era crime de alguns, mas não regra da ordem. E contudo esta accusação é que deitou a perder o Templo. — Não foi a infamia dos costumes, ella não era geral; aliás, como se podia suppor que os templarios fizessem entrar na ordem os seus proximos parentes? Não façamos tal injuria á natureza humana. — Não foi a heresia, as doutrinas gnosticas; verosimilmente os cavalleiros tractavam pouco do dogma. — A verdadeira causa da sua ruina, a que indispoz todo o povo contra elles, que não lhe deixou um defensor entre tantas familias a que pertenciam, foi a monstruosa accusação de terem renegado e cuspidos na cruz. Esta accusação é justamente a que foi confessada pelo maior numero. A simples enunciação do facto arredava d'elles toda a gente; todos se persignavam e não queriam ouvir mais.

D'este modo a ordem, que havia representado no mais subido gráu o genio symbolico da idade media, morreu por causa de um symbolo não comprehendido. Este acontecimento não é mais que um episodio da guerra eterna que tem entre si o espirito e a letra, a poesia e a prosa. Nada tão ingrato e cruel como a prosa quando não reconhece as antigas e venerandas fórmulas poeticas á sombra das quaes tomou vulto. — O symbolismo occulto e suspeito do Templo nada tinha que esperar logo que o symbolismo pontifical, até alli reverenciado do mundo inteiro, se achava destituído de poder. A grandiosa poesia mystica do *Unam sanctam*, que fizera tremer o seculo XII, nada exprimia aos contemporaneos de Pedro Flotte e Nogaret. O gladio espirital estava embotado. Começava uma idade fria e prosaica, que já não sentia aquelle gume.

Porém o mais tragico d'este negocio é que a igreja foi morta pela igreja: menos feriu a Bonifacio a manopla de Colonna do que a adhesão dos prelados e doutores gallicanos á apellação de Philippe o formoso. — O Templo é perseguido pelos dominicanos, abolido pelo pontifice, os mais graves depoimentos contra os templarios são de sacerdotes. Ninguém duvida que a faculdade de absolver que usurpavam os cabeças da ordem lhes creára entre os ecclesiasticos inimigos irreconciliaveis.

Qual foi nos homens d'esse tempo a impressão d'este grande suicidio da igreja? . . . As inconsolaveis tristuras do Dante bem claro o dizem. Tudo quanto se havia crido ou reverenciado; pontificado, cavallarias, cruzadas, parecia que tudo acabava. A idade media apparece como uma segunda antiguidade que com o Dante se ha de buscar entre os mortos. O derradeiro poeta da idade symbolica viu bastante para poder ler a prosaica allegoria do *romance da Rosa*. A allegoria mata o symbolo, e a prosa a poesia. —

festa dos idiotas, *fatuum*. Esta imitação da orgia pagã, tollerada pelo christianis: o, como a despedida do homem á sensualidade que abjurava, reproduzia-se nas festividades da infancia de Christo, Circumcisão, Reis, e Sanctos Innocentes.

Em toda a iniciação, o aiepto é apresentado como sendo máu, afim de que a iniciação tenha a honra da sua regeneração moral. — Veja-se a *iniciação dos tanoeiros alemães* em as notas da *introducção á historia universal* (pelo mesmo sabio auctor da *Historia de França*, já citada) pag. 102 da 1.ª edição.

Até aqui o capitulo do Sr. Michelet. Simplesmente accrescentaremos o seguinte. O grão mestre Mollay foi queimado a 18 de março de 1314, e segundo muitos historiadores, do meio da fogueira emprazou o rei e o papa para dentro de um anno perante o tribunal divino: Clemente V morreu ao cabo de um mez, em abril do dicto anno de 1314; e Philippe o formoso morreu do resultado de uma queda a 29 de novembro do mesmo anno. — Enguerrand de Marigny, ministro do rei, acirrado inimigo dos templarios, foi posteriormente accusado de feiticaria e enforcado em Montfaucon, na forca que elle proprio mandára levantar; outros dos perseguidores da ordem tiveram fim deploravel.

O CYPRESTE GIGANTE.

SANCTA Maria del Tule é a mais bonita das pequenas povoações do districto de Oaxaca no Mexico: ahi se vê o famoso cypreste que, em grossura de tronco, sómente cede ao castanheiro do Etna, veneravel decano da vegetação. — A seis pés a contar do chão, o tronco tem 90 pés de amplitude ou de curva circumscripta; e tem 141 medindo-o segundo as ondulações dos angulos que faz, salientes e reintrantes. Só aos 15 pés de altura começam os ramos, e os mais grossos não tem menos de 37 pés de contorno; mas não tem uma grande dilatação relativa: apenas chegará toda a arvore a 90 pés d'alto, e a sua sombra, ao meio dia, abrange pequena circumferencia: por isso não causa o effeito que era deesperar, e ainda mesmo a bem pequena distancia não parece ser objecto notavel. Vimos na provincia de Vera-Cruz arvores que, sendo muito menos grossas, infundiam mais admiração pela altura e a immensa expansão dos ramos.

Este cypreste, todo elle viçoso, em nada offerece apparencia de decrepitude: não tem uma corrosão, um só ramo secco; a seve conserva o mesmo vigor até a ponta: tudo inculca que ainda póde ter muitos seculos de duração. — Antigo habitante da terra, veneravel testemunha das revoluções dos homens e das cousas, a quem não tem podido destruir nem tempestades, nem coriscos, nem a successão dos tempos, esteve por pouco a ser victima do capricho de um rico negociante de Oaxaca. Este homem gabou-se de ter offerecido uma quantia avultada aos indios de Tule para lhes comprar a arvore e fazer d'ella vigas e pranchas! . . . Felizmente os indios rejeitaram com desprezo a proposta do vandalo, e a arvore ainda está de pé diffundindo a frescura da sua sombra balsamica sobre os que vem admira-la.

MUITOS SOES E MUITAS LUAS.

A ESTE phenomeno de dois soes que se veem no céu dá-se o nome de *parelias* ou *antelias*; os antigos o conheciam. Em 9 d'abril de 1666 foram vistos dois em Chartres, que, com o verdadeiro sol, faziam a conta de tres.

Em 1629 viram-se cinco em Roma.

Helvetius diz ter visto sete em Dantzick.

A imagem do sol póde multiplicar-se nas nuvens; mas a verdadeira distingue-se das outras pela fórma. As *parelias* não são tão redondas como o sol.

Com a lua dá-se algumas vezes o mesmo phenomeno, que se chama *paraselenes*. Apparecem de ordinario no inverno, como os falsos soes nas regiões frias e temperadas. Tambem se dá a este phenomeno o nome de *coróa* ou *halos*.